
Relato

Agente de Sustentação Cosmoético: Reciclagem Intraconscencial

Cosmoethical Sustentation Agent: Intraconsciential Recycling

Consideraciones sobre Auto-Cosmoeticología, Auto-Conciencioterapia e Higiene Moral

Mara Denise Pizzato*

* Advogada. Voluntária da Associação Internacional para a Evolução da Consciência (ARACÊ).

marapizzato@gmail.com

Relato recebido em: 10.01.2016.

Aprovado para publicação em: 13.03.2016.

INTRODUÇÃO

Nem sempre a consciência usa o trafor de forma cosmoética. Este texto relata as vivências da pesquisadora em sua vida profissional como advogada, quando fez uso de trafor e competências profissionais de forma anticosmoética e a reconfiguração do uso do trafor, após eclosão de crise de crescimento, com vistas à recomposição da história pessoal e reestruturação pensênica, tendo a Cosmoética como elemento norteador do processo evolutivo.

O trabalho tem base nas observações e vivências da pesquisadora, na sua vida profissional como advogada. O texto apresenta o ciclo da reciclagem existencial vivenciada, após ter acessado à Conscienciologia, mais especificamente o Curso Autoconscientização Multidimensional (AMD), o curso de entrada da Associação Internacional para Evolução da Consciência (ARACÊ).

Por meio da autopesquisa a autora pôde constatar que, por muito tempo, agiu como um agente de sustentação de mecanismos anticosmoéticos e percebeu que era através das pequenas ações antiéticas que retroalimentava energeticamente tal mecanismo.

O relato foi disposto de modo a conduzir o leitor para perceber o crescendo do entendimento intraconscencial da autora, suas pesquisas, vivências ao longo da reciclagem intraconscencial (recin) e a criação de novas sinapses.

A apresentação está estruturada nas dez seções, expostas a seguir.

I. DESEMPENHO PROFISSIONAL E DESVIO PROEXOLÓGICO

Fatos. Os fatos têm seu desenrolar na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Advogada, atuando na área empresarial, após vários anos de exercício profissional, teve sua competência reconhecida pelos seus pares e pelos empresários da região.

Sucesso. Registre-se, entretanto, que o sucesso até então alcançado tinha por motivação a busca de prestígio e poder junto à sociedade, os quais eram confundidos com realização profissional.

Valores. A confiança nesses valores levava a pesquisadora a condutas não compatíveis com a dimensão ética, embora aceitas pela sociedade convencional, uma vez que a habilidade profissional da mesma residia na sua capacidade de manipulação dos fatos e na conseqüente apresentação da melhor solução aos clientes.

Resultados. As decisões nos tribunais começavam a ser conhecidas e, pelo *modus operandi*, traziam resultados positivos aos clientes. Eram decisões relacionadas aos crimes de sonegação fiscal.

Cúmplice. Algumas dessas decisões passam a incomodar a autora pois, mesmo a defesa sendo feita dentro da legalidade, os atos defendidos e absolvidos não tinham amparo ético. A autora começa a se perceber como cúmplice dos clientes na retroalimentação de tais posturas.

II. ADVERTÊNCIA

Simulação. Não obstante o incômodo, os atos continuaram, chegando ao ponto de, numa dada situação, ocorrer a simulação de processo – isso em Direito é chamado *lide simulada*. Tal ação é crime previsto no Código de Processo Civil e no Código Penal, além de ter implicação direta em processo disciplinar de ética profissional.

Ética. A pesquisadora, mesmo em conflito íntimo, justificava sua atitude sob a alegação de buscar o melhor para o cliente, independente dos meios. Ao ceder à prática de tal ato deparou-se com a instalação de processo de ética na Ordem dos Advogados do Brasil no Rio Grande do Sul, a OAB/RS.

Crise. O poder e prestígio pessoal da autora estavam sendo testados, deixando-a confusa, sem conseguir pensar no que estava acontecendo. Tal situação gerou muito desconforto na pesquisadora, desencadeando a instalação de uma crise. Buscava, antes de tudo, preservar sua autoimagem. Estava em crise de ego.

Limite. Ao mesmo tempo em que a pesquisadora tinha clareza das suas ações, parecia buscar um limite para aquela situação. A aceitação dos fatos como eles são era a parte mais difícil da recin.

III. MASCARANDO A SITUAÇÃO

Conflito. O conflito íntimo aumentava e a autora experimentava a dor moral. Tinha necessidade de buscar algo que pudesse preservar a autoimagem de pessoa com prestígio e poder.

Fuga. Ao não fazer o autoenfrentamento necessário, a fuga dessa situação, ocorreu a ideia de ampliar o escritório de advocacia, visando sua manutenção profissional. Fez isso acrescentando uma área destinada a projetos financeiros e sociais para empresas. Associou-se a um especialista nessa área.

Autoimagem. A autoimagem foi reforçada; a autora estava na mídia, retoma a sua imagem de prestígio e de poder.

Escolha. Com o passar do tempo, observou que a escolha feita a conduziu a uma situação pior do que aquela que fora vivenciada anteriormente. Embora sem intenção, a autora estava envolvida em questões mais graves e que levariam a desdobramentos mais penosos que os anteriores.

Crise. A autora estava encantada. Eclode aí a crise existencial.

IV. AUTOCONSCIENTIZAÇÃO MULTIDIMENSIONAL

AMD. Naquela época, 2008, já tinha completado o primeiro ano do curso Autoconscientização Multidimensional (AMD) e sabia que precisava agir diferente.

ARACÊ. A autora teve seu primeiro contato com a Associação ARACÊ em 2007, quando foi levada ao curso AMD pelo então sócio. Naquele primeiro momento, já estava em crise emocional.

Autopesquisa. Ingressou com o curso já em andamento e tudo era bastante familiar. A autora teve oportunidade de estudar mais o comportamento humano e trabalhar a autopesquisa. Na dinâmica do curso, o pesquisador é o agente e objeto de pesquisa.

Ressignificação. O curso possibilitou entendimento e visão nunca antes acessados; tudo começava a ter novo sentido e ser ressignificado. A crise, que existia no início, foi sendo esclarecida, a autora passou a ter outra visão de sua existência, em especial de sua profissão.

Divisor de águas. A autora tinha assistido aula intitulada *Dinâmica da Aprendizagem Evolutiva II*, que é conhecida como “aula da crise”, por demonstrar de forma detalhada o comportamento percorrido pela pessoa quando em crise de crescimento e a importância dessa na evolução pessoal. Tal entendimento foi verdadeiro divisor de águas.

Teática. A cada mês, a autora recebia uma informação nova, a qual se tornava ferramenta de autopesquisa. A autora aplicou todos os conceitos e ferramentas na prática, vivenciando a teática.

Autoenfrentamento. Estava claro que precisava fazer o autoenfrentamento, corrigir a situação. Ao mesmo tempo, sentia a necessidade de preservar a autoimagem. Naquele momento, colocou-se na condição de vítima.

Procrastinar. Ao procrastinar o autoenfrentamento, a pesquisadora agravou em muito sua situação; precisava fazer a virada.

V. RECICLAGEM PENSÊNICA

Lucidez. Foi durante um jantar com uma profissional da área de consultoria, no momento em que estava relatando tudo o que tinha lhe acontecido, que, em um segundo de lucidez, percebeu claramente, a forma como a estava manipulando para que acreditasse na sua história e a visse como vítima.

Expansão Consciencial. Naquele momento teve uma expansão consciencial e, nesse *rasgo* de lucidez, percebeu, claramente, o que fazia. Envergonhou-se de sua postura.

Compreensão. Naquele instante tudo ficou claro e veio a compreensão dos fatos e parafatos até então vivenciados. Percebeu que usava suas competências de forma inadequada.

Guia Amaurótico. A autora percebeu que adotava a postura de guia amaurótico (vulgo *guia-cego*) como profissional, no momento que imagina saber o que é melhor para o cliente e usar de todos os meios disponíveis para obter o resultado final.

Fissuras. Nesse momento, pôde perceber, claramente, a correlação entre as situações e que aquilo que alegava ser um erro pequeno (como pensava), na verdade, retroalimenta ações e posturas mais graves. Pequenas fissuras que retroalimentam grandes desvios.

CPC. Entendeu que a transformação na sua vida passava pela mudança de postura, pelo entendimento dos seus atos e pela formalização de um pacto interno de conduta pessoal. Iniciava, naquele instante, a construção do Código Pessoal de Cosmoética (CPC) da pesquisadora. Chegara ao ponto de saturação íntima, não queria mais ser agente de sustentação daquele holopense relacionado à simulação.

Autoevolução. Estava disposta a reescrever os próprios atos, refazê-los dentro da ética e vivenciar as re-cins necessárias à autoevolução. Foi o que aconteceu.

VI. CRIANDO SINAPSE

Agente de Sustentação. Ao refletir sobre o processo até então vivenciado, a autora compreendeu que durante muito tempo esteve na condição de *Agente de Sustentação Anticosmoético*. Tal conceito assemelha-se ao paraconstructo de *Agente de Sustentação Pensênica* cuja definição segue:

Definologia. O *agente de sustentação pensênica* é a conscin, homem ou mulher, sustentáculo energossomático, retroalimentador e potencializador de padrões pensênicos e holopen-sênicos hígidos ou patológicos, de modo consciente ou inconsciente, explícito ou implícito (STÉDILE, 2013).

Anticosmoética. Trazendo o conceito de Agente de Sustentação Pensênico para o caso em questão, a autora se portava como agente de sustentação energético, retroalimentando e potencializando padrões pensênicos relacionados à anticosmoética, tanto de forma inconsciente quanto consciente.

Sinapse. No momento em que entende a situação, rompe com a retroalimentação do padrão pensênico caracterizado pelo ato de fingir, simular; estava construindo uma nova sinapse.

VII. TRAVESSIA

Reestruturação íntima. Estava claro que precisava mudar e isso era reforçado pela percepção de que havia uma tarefa assistencial a ser feita, a qual, ao promover a autoassistência, conduziria a uma reestruturação íntima, desde a mudança das posturas e comportamentos até o plano de fazer a recomposição dos rastros gerados pelas condutas passadas.

Dicotomia. Naquele momento, havia uma situação dicotômica – o mundo em que viveu e o mundo que passou a entender pelas análises e percepções provenientes de sua autopesquisa. Percebia que tinha uma travessia a ser concluída.

Oscilar. Não era mais possível oscilar entre formas diferentes de manifestação e até antagônicas em alguns casos.

Técnica. Para sair da oscilação, adotou uma técnica pessoal para aqueles momentos em que era envolvida pela vontade insistente de algum tipo de padrão ou sentimento, de vítima, por exemplo. Determinou que a “vontade” poderia permanecer por apenas três minutos. Nomeou tal procedimento de *Técnica dos três minutos* e adotou para todos os padrões e sentimentos que ainda insistiam em permanecer no modelo antigo.

Diferenciação Pensênica. Ao proceder daquela forma, auxiliava na aplicação e prática de outra técnica – a técnica da *Diferenciação Pensênica*, paraconstructo com a seguinte definição:

A Diferenciação Pensênica é a técnica interdimensional de análise cotidiana dos pensenes, visando diferenciar autopensenes de heteropensenes nas contínuas interações conscienciais multidimensionais entre conscins, consciexes e holopensenes (STÉDILE et al; 2012).

VIII. CÓDIGO PESSOAL DE COSMOÉTICA

Inversão. Ao querer, sinceramente, mudar e não ser mais um agente de sustentação de ações anticosmoéticas, intimamente, estava fazendo o primeiro artigo do próprio *Código Pessoal de Cosmoética*. A mudança

aconteceu pela inversão do fluxo pensênico, ao entender os fatos e passar a ter muito clara a escolha feita. Tinha escolhido ser agente de sustentação cosmoético. Era mudar ou perder a existência. Mudou. Não suportaria ter todo o conhecimento e não fazer nada.

Reurbanização. Quando mudamos nossos pensenes, nosso mundo muda. Aquilo que até então poderia ser normal e aceitável não era mais possível ou admissível. É a reurbanização do holopensene pessoal. A autora fez a escolha por um mundo cosmoético.

IX. INTROJETANDO NOVA POSTURA

Mudar. Nessa travessia, fazendo a reestruturação íntima, estava presente a vontade de mudar, atrelada ao sentimento crescente de autenticidade consciencial e uso do autodiscernimento cosmoético, condições que permitem combater a mínima ação antiética/ anticosmoética capaz de provocar uma megafissura de conduta.

Retroalimentação. As pequenas ações, algumas consideradas ingênuas, são, na verdade, instrumentos de retroalimentação das posturas e pensenes patológicos que antes praticava.

Atitudes. A compra de produtos sem procedência, em valor muito abaixo do preço de mercado, a postura de pedir recibo com valor superior ao pago, locupletar-se com o erro dos outros sem fazer a correção, todas essas e outras posturas retroalimentam atitudes anticosmoéticas, as quais não têm mais espaço após a resignificação pensênica.

Acostamento. Foi nesse momento que a autora saiu do acostamento consciencial para ocupar seu lugar nesta existência.

Mascarada. A realidade não pode ser mascarada por muito tempo; assumi-la pode doer no início, mas depois é fonte de bem-estar.

X. AUTORRECICLAGEM EVOLUTIVA

Voluntariado. O processo de reciclagem teve seguimento no Espírito Santo, quando a autora decidiu morar no *Campus ARACÊ*, em maio de 2011. A vivência na Conscienciologia e o desenvolvimento de voluntariado proativo possibilitou a aceleração da história pessoal e o processo de autoesclarecimento. A cada dia, as escolhas, agora mais lúcidas, vão se confirmando corretas e se mostrando cada vez mais presentes.

Tarefa. Por sua vez, a nova tarefa assistencial se confirma na atuação do uso das competências e traços da autora, de forma cosmoética em todos os aspectos e papéis que desempenha, em especial na profissão.

Mudança. A mudança de postura teve início nas inter-relações com a equipe do escritório, onde compreendeu sua função e procurou estar disponível, dar exemplo e entendê-los no seu modo de ser e agir para auxiliar na recin de cada um. Começava a potencializar o traço da assistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reestruturação. Depois dos fatos autoexperimentados, a autora entende que reestruturação pessoal não é algo fácil de explicar ou vivenciar, mas é simples. É como deixar de andar no acostamento e voltar para pista principal. Simples, mas requer atitude e ação.

Reciclagem. Nesta reestruturação pessoal e continuada há uma reurbanização do holopensene pessoal, onde o autoenfrentamento sadio conduz à autossuperação, à reciclagem existencial (recéxis) e à recin.

Desconstrução. A reestruturação do holopensene pessoal consistiu numa desconstrução da própria consciência. A desconstrução da *Doutora do passado*, o egocídio daquele padrão para reconstruir a profissional do presente.

Egocídio. O egocídio acontece quando há o entendimento e a superação das patologias e parapatologias, diretamente relacionadas com o egocentrismo.

Assistência. Na prática do egocídio, a conscin assume uma nova postura, a qual se caracteriza pela melhor percepção e conexão com a multidimensionalidade aumentando a disponibilidade e o *link* com a assistencialidade.

Autenticidade. Ao realizar o egocídio, gerou um mecanismo de reconstrução de posturas e valores alcançados na Cosmoética e autenticidade consciencial, que reforçam a certeza íntima.

Sustentabilidade. A reciclagem dessa situação ainda tem seus desdobramentos, mas é possível perceber a importância das escolhas feitas e a sustentabilidade que isso provocou.

Transição. Na transição do paradigma convencional para o paradigma consciencial existe a tendência em relutar, o que se manifesta pela vitimização e culpa.

Autoassédio. O processo de vitimização é parte do autoassédio consistindo em forma de fortalecimento do ego, pois o foco é o reconhecimento da conscin como vítima indefesa.

Aceleração. As escolhas lúcidas nos conduzem às nossas reciclagens, porque, de uma forma ou de outra, estamos mais disponíveis e abertos à multidimensionalidade. Nesse momento, experimentamos a aceleração de nossa história pessoal como um sincronismo matemático.

Aprendizado. No ciclo do aprendizado desta vivência fica o registro das etapas: Escolha–Reciclagem–Disponibilidade–Aceleração da história pessoal.

REFERÊNCIAS

1. Stédile, Eliane; *Agente de Sustentação Pensênica*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (org.); *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª-Ed. Digital; Versão 8.00; Associação Internacional Editares & Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2013.

2. Stédile, Eliane; *et al*; *Diferenciação pensênica*; *Conscienciologia Aplicada*; Revista; Ano 12; N 9; Edição Especial; Associação Internacional para Evolução da Consciência (ARACÊ); 2012; páginas 4 a 21.

